

Porto Seguro vive o contraste do turismo com a pobreza dos índios

Primeiros habitantes do Brasil, os índios Pataxó, espalhados nas 12 aldeias nas regiões sul e extremo sul do estado, estão em vias de desaparecer como nações indígenas. Descaracterizados pelo contato diário com o chamado homem branco, os pataxós são hoje um pálido retrato dos seus antepassados e poucas são as aldeias onde ainda preservam-se as tradições nativas e o convívio com a natureza dá-se sem maiores problemas.

Confinados em aldeias, onde são amparados por lei federal, os índios Pataxó ainda se consideram legítimos donos das terras que margeiam todo o litoral sul do estado até próximo ao Espírito Santo. Mas essa posse vem a cada ano sendo contestada por fazendeiros e até mesmo por empresas imobiliárias. Na Justiça os processos contestatórios já são mais de mil e, na maioria deles, os interessados alegam que os ín-

dios vêm destruindo a terra e tornando-a improdutivo. Como defesa, os índios alegam que chegaram primeiro e são os brancos que desmatam tudo, poluem rios e devastam a fauna e a flora.

Nas principais aldeias, como a de Coroa Vermelha e Caramuru, a situação de miséria prenuncia um futuro onde o índio, como personagem histórico, vá existir apenas em soleznidades como as que ocorreram no último dia 22, em Porto Seguro, quando foram recepcionar o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, trajados de cocar e tangas feitas à base de penas e palhas. No dia-a-dia o índio, contudo, é um cidadão pobre e sem maiores perspectivas, que luta como os sem-terra, pelo direito à produção agrícola, por uma assistência do governo federal na forma de assistência médica e educacional e até mesmo por um aumento no valor das pensões

do INSS (Funrural) pagas aos mais velhos.

NÃO SER ÍNDIO

As lideranças ainda sentem orgulho de ostentarem o título de Pataxó, mas boa parte dos descendentes dos primeiros habitantes do litoral brasileiro aos poucos vai rejeitando a vida indígena. É o caso dos pataxós da pequena aldeia de Imbiriba, 43 quilômetros de Porto Seguro, já nos limites de Trancoso e considerada uma das mais pobres do extremo sul do estado. Ali são apenas 83 índios divididos em 16 famílias que vivem na mais absoluta pobreza.

O cacique Mathias, na verdade Alvaro Souza de Lima, 67 anos e 11 filhos, é quem espelha bem esse retrato. Ele anda às voltas com um ex-cacique. Onando, empregado da fazenda Moacyr Andrade e hoje uma espécie de renegado dos índios. Orlando resolveu viver fora da reserva

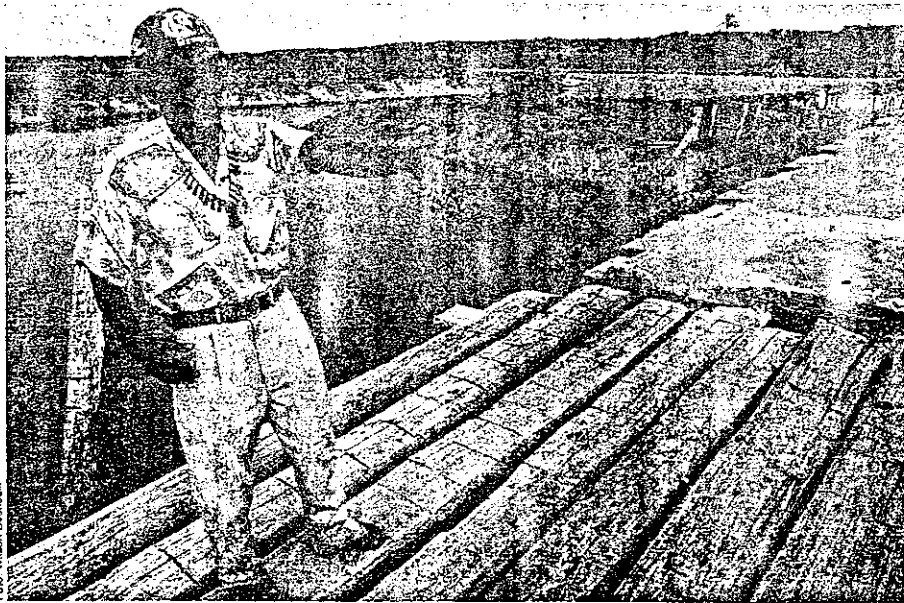
e exige que o seu quinhão não esteja relacionado pelos limites impostos pela Funai. "O pessoal já não quer ser mais índio", explica Mathias. O velho índio Antônio José da Silva, 85 anos, é um deles. Depois de brigar com o atual cacique, foi viver fora dos limites da reserva e sobrevive com os R\$100,00 que ganha como aposentado do Funrural.

A própria Funai parece que resolveu também adotar a política não-indígena e deixou há mais de 10 anos de atender à aldeia de Imbiriba, como também não presta assistência aos pataxós de Coroa Vermelha e de Caraiva. Em Eunápolis, a instituição deve mais de R\$800 mil e teve cortado os créditos nas farmácias, impedindo, assim, que os índios adquiram remédios gratuitamente para atender aos milhares de doentes que anualmente encham os boletins estatísticos de doenças gastrointestinais e respiratórias nas 12 aldeias da região.

Faltam saneamento e urbanismo

Segundo maior pólo turístico do estado e uma das principais portas de entrada de turistas estrangeiros no Nordeste, Porto Seguro já começa a enfrentar os graves problemas de uma região que cresceu à sombra do turismo e esqueceu-se de montar uma infra-estrutura em saneamento e urbanismo. A cidade conta hoje com aproximadamente 700 estabelecimentos hoteleiros, que proporcionam cerca de 14 mil leitos e já superou pólos tradicionais como Recife, Maceló e Fortaleza, perdendo apenas para Salvador, no Nordeste, e São Paulo e Rio de Janeiro, no Sudeste do País.

Em Porto Seguro, todas as atividades concentram-se na faixa costeira. Ali estão situados os principais hotéis e pousadas, bares e restaurantes e a economia do município. O comércio funciona ininterruptamente e é todo voltado para o turismo, assim como bares e restaurantes. A mão-de-obra é local e emprega principalmente adolescentes, inclusive alguns índios que vivem fora das aldeias. Sem um controle rígido por parte dos poderes públicos, o consumo de bebidas é altíssimo entre os jovens, e estes têm livre acesso a bares e restaurantes a qualquer hora do dia ou da noite.



O cacique Mathias, da aldeia Imbiriba, protesta contra invasão de terras por especuladores



Na aldeia Pataxó de Coroa Vermelha os índios vivem precariamente

Passadas as comemorações do Dia do Índio e do Descobrimento do Brasil, a região de Porto Seguro volta ao seu normal, que é a exploração única da atividade turística. Os índios, personagens históricos e primeiros habitantes da região, tornam-se meros coadjuvantes de um processo que tornou o lugar o segundo maior pólo turístico do Nordeste, com uma capacidade hoteleira somente inferior à de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. A região exibe ares de Primeiro Mundo, transformando-se numa Polinésia à brasileira, apesar dos contrastes de pobreza, e os índios pataxós vão ficando para trás, engolidos pelo progresso que os descaracteriza como herdeiros legítimos de um Brasil de quase 500 anos.

Grilagem prejudica indígenas

Em toda a região sul do estado os índios Pataxós não são mais do que sete mil. A maior de todas as aldeias é a de Barra Velha, também considerada uma espécie de lugar pátrio dos pataxós. Ali existem cerca de 2.600 índios na localidade de Caraiá e foi o primeiro local onde os pataxós foram confinados, quando perderam suas terras na luta contra o homem branco que vinha das grandes cidades para iniciar o processo agrícola... e também o de grilagem.

Em Imbiriba, os índios lutam contra o fazendeiro Moacyr Andrade, acusado de grilar extensas áreas próximas ao litoral e nas margens dos principais rios que cortam a reserva dos Pataxós. A fazenda tinha 397 hectares, conforme os mapas delimitadores da Funai, mas os índios convivem numa área de pouco mais de 30, sem sementes, água potável, escolas, postos médicos e equipamentos como tratores ou

mesmo motores para a única casa de farinha montada pela Funai há 10 anos.

Em Coroa Vermelha, onde vivem 872 pataxós, a briga é contra o próprio governo do estado. Os pataxós sentem-se enganados com o projeto do Museu Aberto do Descobrimento e Projeto Coroa Vermelha. Pelo primeiro porque os símbolos serão de Tupinambá, que nada tem a ver com a história deles (Tupinambá, segundo os caciques, viveu no Litoral Norte do estado), e o segundo, porque não contempla a aldeia de Coroa Vermelha nos programas de saneamento, demarcação das terras e urbanismo. Em Coroa Vermelha existe ainda a briga pelos direitos da posse de 10 hectares de terras tomadas de uma imobiliária, que segundo os índios, move processo na Justiça para reacquirir os direitos da terra que antes era dos próprios pataxós.

LUXO E MISÉRIA

A faixa litorânea de Porto Seguro é ocupada basicamente por empreendimentos voltados para os turistas. No litoral norte do município, até próximo ao limite com Santa Cruz Cabrália, concentram-se os principais hotéis classificados pela Embratur e Bahiatursa. Na parte sul, onde situa-se a famosa Passarela do Alcool (500 metros de bares e restaurantes), concentram-se as pousadas e shopping centers. É nesses dois locais que circulam os turistas e transcorre toda a vida da cidade.

Mais ao fundo, as praças e ruas ficam desertas à noite, e poucas pessoas costumam transitar nesses locais. É aí, na parte dos fundos da cidade e próximo ao rio que a separa do povoado de Arraial da Ajuda e a Praia de Trancoso, que fica a população pobre da cidade, morando em palafitas sobre o rio ou em ruas sem calçamento e esgotamento sanitário. Esses pobres transformam-se, contudo, aliás como as demais coisas em Porto Seguro, em atrações para os turistas à noite, com shows de danças aeróbicas e lambadas, que ainda resistem como se o Verão jamais acabasse na região.

Como uma espécie de Eldorado do Turismo, a cidade cresceu demais e esse progresso não foi acompanhado da devida infra-estrutura, que agora vem tentando ser recuperada pelo governo do estado, que anunciou investimentos na região. Como um gigante que atingiu a maturidade antes do tempo, o município perdeu a sua identidade étnica e fica difícil saber quem é realmente da região ou quem vem dos municípios vizinhos tentar a aventura de se dar bem com o turismo.

A Polinésia brasileira

Índios e descobrimento do Brasil estão bastante próximos e ao mesmo tempo distantes do dia-a-dia na região de Porto Seguro. Afora as datas de 19 e 22 de abril, quando são comemorados o Dia do Índio e o Descobrimento, a cidade vive como uma espécie de Polinésia brasileira, onde dança-se lambada, vende-se artesanato e consome-se bebidas exóticas ao longo da Passarela do Alcool.

O Índio mesmo só foi lembrado este ano por causa da visita do presidente Fernando Henrique à região. Todas as comemorações ocorreram no vizinho município de Santa Cruz Cabrália, aliás um eterno rival de Porto Seguro pela primazia da história do descobrimento e dos povos indígenas e que aos poucos vai mantendo a mesma infra-estrutura hoteleira e turística na região. Em Cabrá-

lia vivem os índios Pataxós de Coroa Vermelha, defronte ao marco onde se comemora todos os anos a celebração da Primeira Missa no Brasil. Ao contrário de Porto Seguro, a memória do índio e do descobrimento do Brasil ainda são preservadas com maior ênfase, procurando-se manter uma tradição que vai desaparecendo nos outros locais.

SÓ TURISMO

Do outro lado de Porto Seguro está o Arraial da Ajuda, balneário alcançado por barcos e que é uma espécie de paraíso para quem gosta do contato com a natureza. Graças ao transporte por chatas, os veículos podem atravessar o rio e de lá, por estradas sinuosas e sem pavimentação asfáltica, alcançarem Trancoso, 22 quilômetros adiante e onde estão verdadeiros paraísos intocados pelo processo urbanístico, como as praias de nudismo e as reservas indígenas de Imbiriba e Barravelha, esta a primeira reserva dos Pataxós.

Em Trancoso não há pavimentação asfáltica, água encanada da Embasa ou mesmo saneamento básico nas ruas. Mas em compensação existe dezenas de pousadas e restaurantes voltados unicamente para os turistas. O Índio só é lembrado quando se trata de alguma exibição de grupos teatrais ou quando se trata de comércio artesanal, também bem ao gosto do turista. Situação idêntica vive o povoado de Arraial da Ajuda, onde os ônibus de turismo circulam com desenvoltura vindos de Porto Seguro e dos estados do centro-sul do País (os maiores emissores do turismo na região).



A atividade turística é a principal fonte de renda da região